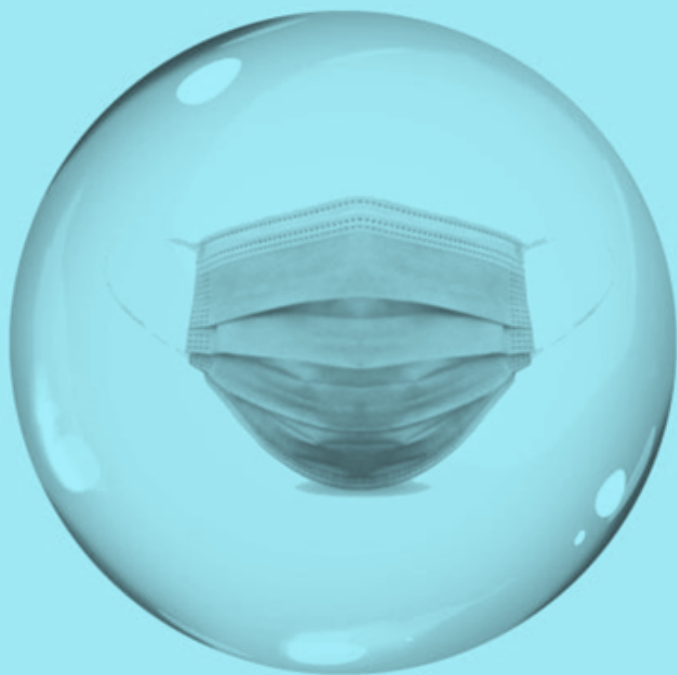


Memórias Narradas sobre a Covid-19:

cotidianos atravessados pela pandemia



Fernanda Walmer

FERNANDA WALMER

Memórias Narradas sobre a Covid-19:
cotidianos atravessados pela pandemia

Produto comunicacional do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Fernanda Walmer, 2021

Projeto Gráfico, design e diagramação de Miolo: Franciele Maria da Silva

Projeto Gráfico e design da Capa: Franciele Maria da Silva

Orientado pela Prof^{ta}. Dr. Híla Rodrigues

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

O48m Oliveira, Fernanda Walmer De.
Memórias Narradas sobre a Covid-19 [manuscrito]: cotidianos
atravessados pela pandemia. / Fernanda Walmer De Oliveira. - 2022.
26 f.

Orientadora: Profa. Dra. Hila Bernardete Silva Rodrigues.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Aprendizagem experimental. 2. Covid-19 (Doença). 3. Narrativa
(Retórica). I. Rodrigues, Hila Bernardete Silva. II. Universidade Federal de
Ouro Preto. III. Título.

CDU 616.9

Para aqueles que nos deixaram cedo demais.

*Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.*

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE (Poema Mãos Dadas/ livro Sentimento do Mundo, 1940)

Súmario

<i>Apresentação</i>	<u>12</u>
<i>Vida</i>	<u>15</u>
<i>Isolamento</i>	<u>20</u>
<i>Arte</i>	<u>24</u>
<i>Morte</i>	<u>29</u>
<i>Cuidado</i>	<u>36</u>
<i>Fome</i>	<u>39</u>
<i>Saudade</i>	<u>43</u>

Apresentação

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) emitiu o primeiro alerta para uma doença que se espalhava em Wuhan, cidade metrópole da China. Tratava-se de um novo agente de uma família de vírus, o Coronavírus, capaz de levar o ser humano a graves quadros de infecção respiratória. O Sars-cov-2, o novo Coronavírus, causador da COVID-19, apresentou alta capacidade de contágio entre as pessoas e, rapidamente, ultrapassou as fronteiras de Wuhan, espalhando-se pelo resto do país e do mundo. Em fevereiro de 2020 o Brasil registrou seu primeiro caso de Covid-19, e a partir daí vivemos uma luta difícil e ainda sem fim - até a conclusão deste livro - contra esse vírus violento.

Este livro é um relicário de histórias, de memórias e de experiências de vida. As vivências aqui relatadas foram geradas ou transformadas pela pandemia de Covid-19. Ninguém, com o mínimo de consciência de realidade, livrou-se dos efeitos diários desse enfrentamento. Mas aqui eu falo de pessoas comuns, para que você e eu consigamos não só ver o outro, mas enxergar nossa própria experiência de pandemia através da experiência dele.

Cada linha, aqui, é para não esquecermos. Só lembrando conseguiremos encontrar caminhos para nos recuperar dessa queda e olhar para frente, buscando retomar os passos. Um dia iremos nos curar disso tudo.

Vida

Quando se vive em isolamento, os dias parecem iguais. Não que eles sejam, mas sinto precisarmos de uma atenção maior para notarmos suas singularidades. Por isso as noites rompem como restauração, fôlego e alento. Depois delas, há sempre um renascer.

Foi na noite de 17 de abril de 2020, em sua primeira hora, que Eliana, desistindo de dormir, se levantou. Mulher de 46 anos, casada há 25, dona de casa e cheia de senso de humor. Quando fala de si, fala dos filhos. Ser mãe é o seu encontro com ela mesma, basta estar junto que isso se revela.

Talvez não por coincidência tenha sido a filha mais velha quem a amparou quando lhe ouviu chamar. Sentia dores, dificuldades para caminhar... precisava ir ao médico. Fernando, marido de Eliana, estava trabalhando como porteiro em um prédio na cidade pequena onde moravam, então restou a ela pedir para sua irmã e cunhado que a levassem ao hospital. Antes de sair deu um abraço em cada um dos três filhos e, segurando o choro, dizia já sentir saudades.

Como já era madrugada e o turno do marido estava para acabar, só puderam se encontrar no hospital. Quem imaginaria dar a luz em meio a uma pandemia?! Mas era o que estava para acontecer a Eliana! Ela era o amor forte que apresentava vida quando só se via dor, e, por ela, mais uma vez, a vida rompia.

A contaminação pelo novo Coronavírus estava cada vez mais rápida e numerosa. O uso de máscaras era apenas sugere

rido. A cidade onde o casal nasceu, cresceu e criou os filhos insistia em negar a gravidade da situação. Um lugar com pouco mais de 70 mil habitantes no interior de São Paulo, onde os problemas administrativos só aumentavam, não sabia lidar de forma estratégica e responsável numa situação de pandemia.

A entrada do hospital para a ala dos pacientes era, na maior parte do tempo, restrita a funcionários. Distanciamento aplicado, álcool em gel disponível, entrada somente com máscaras de proteção. Porém, dentro do quarto, enquanto esperava o corpo se preparar para o parto, Eliana via passar pelos corredores funcionários sem luvas, sem máscaras, aparentemente despreocupados com o risco. Ela e o marido não tiravam por um só momento a proteção do rosto, mas ficaram confusos quando uma colega enfermeira pareceu questionar a necessidade dos cuidados “exagerados”.

Nesse cenário, é impossível não sentir medo. Eliana pensava como tudo aconteceria, quais seriam os novos protocolos e se o marido, em algum momento, precisaria sair do seu lado. Ver nascer três filhos saudáveis não acalma o coração na situação em que estava. Ter uma quarta gestação não planejada, depois dos 40 anos, em meio a uma pandemia sem precedentes é tão intimidador que você se vê continuamente atenta. Mas cerca de três horas depois de dar entrada no hospital, foi transferida para a maternidade. Era hora de o parto acontecer.

No final das contas, para quem acredita em sorte ou alguma coisa parecida, os procedimentos de segurança não impediram que

o pai acompanhasse a chegada de mais um filho. E acho que isso, no momento apavorante em que o mundo inteiro estava, foi a energia impulsionadora para tudo caminhar bem. Por alguns instantes, toda a insegurança e a incerteza se calaram e pararam para ouvir um choro diferente, um murmúrio de esperança. E se a esperança tem um dom, esse é o de abraçar quem e qualquer situação que consiga alcançar, ultrapassando inclusive, as distâncias do isolamento social.

Mãe e filho ficaram juntos em um dos quartos da maternidade, com outras mães e seus bebês. Antes da pandemia, apenas duas mulheres dividiam o espaço, agora eram quatro. O hospital estava se reorganizando e, frente ao aumento do número de pacientes com covid-19, algumas alas foram “reduzidas” para liberar espaço para os pacientes de coronavírus. Isso, mesmo que temporário, implica em muita coisa, tanto em relação à necessidade de higienização mais frequente nos locais quanto no que diz respeito à redução de segurança para aquelas pacientes e seus familiares naquele espaço compartilhado.

Durante três dias, Eliana e o filho, que recebera o nome de Adrian, ficaram o tempo todo juntos. As visitas foram reduzidas, então o pai só pôde estar presente em poucos momentos. Era inusitado pensar que Eliana, que sempre visitava as mulheres da família quando nasciam seus filhos, em seu momento, não pôde ser visitada, abraçada e felicitada.

Crianças em todo o mundo estão tendo suas primeiras experiências de vida sob o isolamento imposto por uma pande

nia. Essencial para essas crianças é sempre a presença e proteção de seus cuidadores, de sua família próxima. Mas e aquelas que não estão neste contexto? E como ensinar a eles, aos poucos, o que significa família e comunidade e amizade e compartilhamento? E como mostrar e naturalizar o diferente, em todas as suas possibilidades, se não há como estar junto e vê-los? O que um ano de isolamento gera em um bebê ou em uma criança um pouco mais velha? Ainda não temos essas respostas, mas já aprendemos que, em um momento difícil como esse, aproveitar e cuidar do que temos é a forma de seguir em frente.

Eliana volta para casa, para o abraço dos filhos e do marido, com um pouquinho mais de alegria e esperança nos braços. Essa família teve o alento de uma boa lembrança de 2020. E aguardam, ansiosos, por um “renascer da vida” tão bonito e potente quanto o de Adrian.

Isolamento

Primeira semana do isolamento social. Já faz alguns dias que os setores de serviço e comércio considerados não essenciais mantêm-se de portas fechadas. As ruas estão quase completamente vazias, mas não há silêncio, ao menos não a sensação dele. A notícia sobre o novo Coronavírus, a transmissão em escala mundial, a necessidade dos cuidados, a letalidade... ainda parecem ecoar dentro das casas e das mentes de todo mundo. Dá vontade de fugir, mas já estamos em casa – e, para os que não estão, é o único lugar para onde querem voltar.

Liz é uma jovem adulta, de 24 anos. Perto de concluir a faculdade, viu-se voltando para a casa dos pais e interrompendo todos os seus planos. Ninguém, logicamente, sabia lidar com o que estava acontecendo no planeta. Era uma imensidão de incertezas que tocava a campainha à nossa porta para uma visita não avisada, tirando da gente qualquer possibilidade de reação e toda sensação de segurança e estabilidade.

Aos poucos, cada um passou a conhecer e a enfrentar seus monstros, sejam eles da esfera pessoal, socioeconômica ou da saúde. Mas tudo tinha se potencializado em razão do isolamento social.

As lutas mais difíceis que Liz travava já eram suas antigas conhecidas. Viver a depressão é complicado em qualquer momento, mas nesse era especialmente delicado.

Já fazia cerca de três meses que Liz e sua família cumpriam o isolamento indicado pela Organização Mundial da

Saúde. Só saíam para atividades essenciais tomando todos os cuidados possíveis. Liz vinha de uma semana em que praticamente trocava o dia pela noite. Seu corpo e sua mente pareciam só conseguir sair do estado de alerta quando o sol dispersava a escuridão, e se o cansaço cedesse ao sono, sentia como se perdesse o ar e despertava em susto, tentando se recompor.

Nada estava em seu lugar. A cabeça vivia cheia de passado e futuro, o corpo ia renunciando ao movimento, e parecia que a dor do mundo estava ali sentada, no canto da casa.

O sol começou a nascer e Liz se preparava para dormir. Deitou-se na cama e um desconforto indefinido passou a incomodá-la. Quando fechou os olhos pelo primeiro minuto, sentiu como se estivesse presa no fundo do mar e não pudesse respirar. Essa sensação durou poucos segundos, mas, para ela, pareceu um minuto inteiro. Pulou da cama e, apesar de se perceber acordada, a sensação persistia. Já em prantos, correu e buscou a ajuda da mãe. As tentativas para que se acalmasse foram em vão, então telefonaram para seu pai, que felizmente trabalhava ali perto, para que ele a levasse ao hospital.

Esses minutos de espera foram os piores. Em alguns momentos Liz realmente achava que iria morrer. Ela só conseguia chorar e andar de um lado para o outro, procurando por uma corrente mais intensa de ar. Vendo sua mãe preocupada, tentando acalmá-la, Liz usou todas as suas forças e tentou se concentrar. Fechou os olhos e começou a respirar cada vez mais profundamente. Em meio ao choro, era possível ouvir que rezava baixi

nho, buscando alguma conexão que trouxesse um pouco de paz e calma. As coisas foram aquietando-se, o coração diminuindo o ritmo, o corpo relaxando. Seu pai chegou e foram ao hospital.

Nada daquilo podia ser tratado com um remédio. De certa forma, foi o que a médica disse quando sugeriu a mudança de alguns hábitos para que ela se sentisse mais disposta e conseguisse melhorar a qualidade do sono. Voltou para casa com as recomendações e com o susto. Não tinha os sintomas do coronavírus além da falta de ar pontual. Enquanto tentamos nos proteger da Covid muitas doenças e distúrbios estão sendo desenvolvidos e potencializados.

Era o segundo ataque de pânico sofrido por Liz até aquele momento de sua vida. Cada experiência dessa a deixa um pouquinho mais distante dela mesma, porque é difícil se ver além das nuvens do medo, mas o sol permanece carregado de luz, mostrando-lhe o caminho.

Mas naquela noite, foi sua irmã mais nova quem lhe tirou da neblina. Sorrindo e abrindo os braços na intenção de representar a imensidão, disse:

- Ei, vem olhar o céu! Tá tão clarinho, tão bonito!!

E foi ali que Liz percebeu que há muito tempo não se surpreendia com a Lua, ou olhava as nuvens... nada disso lhe foi tirado, mas ela, em algum momento, se privou de ver.

Arte

“Sim, a arte salva. Ou consola. Ou torna pelo menos suportável”, é o que escreveu Caio Fernando Abreu, e é como eu preciso começar esse texto.

Romualdo tem 54 anos. Há mais de 30 ele dedica sua vida à arte. Viver – ou sobreviver – do trabalho com teatro, seja atuando, dirigindo ou produzindo espetáculos, nunca foi fácil para ele, como não é para ninguém que embarca nesse sonho.

O Brasil tem uma relação dúbia com a Arte. Principalmente com a própria arte. É um mix de desvalorização e necessidade. E isso ficou ainda mais explícito com a pandemia de Covid-19.

Quando as medidas de restrição começaram a tomar proporções nacionais e as atividades consideradas não essenciais foram impedidas de acontecer, Romualdo teve todos os seus projetos previstos para o ano de 2020, suspensos. Mesmo tendo aprendido, com a sua experiência como artista, a lidar com períodos de agenda cheia alternados com períodos de escassez, Roma, como é carinhosamente chamado, sentiu que se tratava de uma situação diferente.

Três contratos para excelentes projetos estavam prontos para serem assinados por ele. Resultariam, juntos, em mais de setenta apresentações ao longo de 2020. O cachê, que parecia estar garantido, deixou de existir de um dia para o outro. Março representou essa virada para um futuro incerto.

O contexto de isolamento social, provocado pela pandemia, impediu que o artista realizasse seu trabalho, e o colocou em

uma realidade sem perspectiva alguma. Ninguém tinha a resposta para quando o compartilhamento e a troca presenciais poderiam se dar, novamente.

Esse tipo de enfrentamento não foi, e ainda não é, fácil. Roma teve o suporte da filha e da namorada para conseguir manter sua busca por alternativas dentro de um cenário que não lhe oferecia nada, mas que, ao mesmo tempo, lhe exigia muito, pois era a arte o que conseguia tirar muita gente do assombro daquela realidade. Poder que só o artista com sua arte tem, e que só se percebe no escuro, como uma luzinha que surge.

Durante meses Romualdo tentou apostar na exibição de trabalhos em projetos online. Conseguiu, com o projeto “Teia 19”, de Portugal, a exibição de seu solo teatral chamado “Partir”. Lá, havia a possibilidade de as pessoas contribuírem financeiramente com o valor que quisessem. Em seguida, Roma criou uma campanha de financiamento coletivo para o seu projeto no Youtube, um canal chamado “Viva Poesia”, onde ele interpreta poemas de autores diversos. Mas arrecadar dinheiro em iniciativas assim não é fácil.

Observando aquele drama, Laura, filha de Romualdo, fez uma publicação tocante em suas redes sociais, explicando as dificuldades que ele estava enfrentando e convidando as pessoas a se inscreverem no canal de poesias. Pediu que, dentro das possibilidades de cada um, fizessem uma doação para o projeto. Roma ficou sensibilizado com a atitude da filha, que foi quem alavancou, naqueles dias, a quantidade de doações e de inscritos no canal.

Romualdo nunca pensou que naquele ano de 2020, cheio de projetos e conquistas, precisaria de ajuda para conseguir manter seu sustento. Ele estava acuado e sem recursos para virar o jogo. Percebeu que não havia mais espaço para criar novas campanhas num momento em que tanta gente passava pelas mesmas ou por maiores dificuldades. E para conseguir o que precisava para viver, teve que deixar, momentaneamente, o trabalho com a arte.

Roma tinha uma Kombi e soube que uma transportadora precisava de entregadores que tivessem veículos grandes para enviar mercadorias compradas pela internet. Começou no mesmo dia em que entrou em contato com a empresa. Um trabalho que antes nunca havia imaginado fazer passou a ser, hoje, a única fonte de sustento diante a sua realidade.

No final de 2020 Romualdo foi contaminado pela Covid-19. Felizmente, teve apenas sintomas leves.

A arte nos acolheu no isolamento, mas o país não acolheu os artistas. A falta de ações e iniciativas capazes de amparar essa classe resultou em histórias como essa. Mas o papel social da arte está posto, é o que continua transformando e confortando as pessoas em cenários de caos. Esse momento está sendo documentado e atravessado por muitos artistas, que insistem em ser esperança e beleza, mesmo em contato com a própria dor e com a do mundo.

“ - Tenho sonhos, muitos sonhos! Mas estamos vivendo um dia de cada vez, tentando superar todos os obstáculos que surgem

nesse caminho de incertezas que a vida se tornou. Mas seguimos!
'É preciso estar atento e forte. Não temos tempo de temer a morte' ”.

Morte

Queria não precisar escrever este relato.
□

Dezembro de 2020. Nove meses de pandemia foram mais que suficientes para acentuar carências e urgências diversas. A essa altura as ONGs, os grupos e movimentos de apoio voluntário eram esperados em todo o país. E foi assim, atendendo a uma demanda humanitária, que dona Fátima e seu Antônio, pais de Lucas, um enfermeiro de 25 anos, viajaram até um povoado no norte de Minas levando doações e ajuda.

Quando voltaram para Juruaia, cidade onde moravam, no interior de Minas Gerais, dona Fátima apresentou febre baixa. Mesmo com todos os cuidados que tomavam durante as viagens de assistência para o Norte, Nordeste e Sudeste, o casal acabava se expondo mais ao risco de contaminação por Covid. Eles não conseguiam ficar alheios a tudo o que estava acontecendo, sem fazer nada.

Lucas havia orientado sua mãe a se manter isolada em casa, atenta à febre e a seus desdobramentos. Um dia recebeu o telefonema de seu pai: dona Fátima havia sido internada porque apresentou sinais de grave comprometimento dos pulmões, como mostrava o raio X que fez no hospital.

Na condição de profissional da saúde e atuante na linha de frente de combate à pandemia, Lucas conhecia todo o processo e sabia que sua mãe, uma vez internada, não poderia ter contato com ele ou qualquer pessoa da família. Assim, saiu do interior de São

Paulo, onde vivia, para tentar encontrá-los na entrada do hospital, que ficava em Guaxupé- MG.

Dona Fátima era obesa e Lucas sabia das possíveis complicações decorrentes dessa particularidade. Ele a encontrou na porta do hospital, dentro de uma ambulância, com um suporte de oxigênio. Foi preciso muito esforço para se conter e conseguir passar forças para ela. Seu Antônio não conseguiu...Ele estava abalado e choroso relembando, talvez, os 30 anos de casamento vividos plenamente juntos.

“ - Bença, mãe!”

“ - Deus te abençoe, meu filho!”

“ - A senhora está bem?”

“ - Sim, estou bem. Só estou com sede... Cuida do seu pai porque ele também precisa fazer exames. Vai dar tudo certo. Eu vou ficar bem!” – disse ela enquanto secava, com uma das mãos, as lágrimas que tentava conter sem sucesso.

“ - Tá bem, mãe. Eu vou ficar com o pai. Vai dar certo! Logo estaremos juntos de novo!”

“ - Sim, estou bem. Só estou com sede... Cuida do seu pai porque ele também precisa fazer exames. Vai dar tudo certo. Eu vou ficar bem!” – disse ela enquanto secava, com uma das mãos, as lágrimas que tentava conter sem sucesso.

“ - Tá bem, mãe. Eu vou ficar com o pai. Vai dar certo! Logo estaremos juntos de novo!”

Despediram-se. Dona Fátima foi internada e Lucas e a irmã foram para a casa do pai. Diariamente o hospital ligava para o Lucas e informava a família sobre o estado de saúde de dona Fátima. Ele virou o “porta voz” que levava as notícias para a família – afinal, ninguém mais conseguiria fazer isso naquele momento.

Três dias depois da internação, a médica ligou para Lucas informando que sua mãe havia sido entubada sem que uma tomografia fosse feita, pois ela era obesa e não havia uma máquina adequada para que o exame fosse feito. Tudo parecia desmoronar. A angústia aumentava e só mesmo a esperança para não deixá-los ceder. Era só o que eles tinham, e foi a isso que se agarraram.

O mais difícil dessa doença talvez seja a distância que ela impõe. Para uma família que não consegue efetivamente praticar os cuidados, o suporte e o amor, é muito doloroso. E quando essa “ausência forçada” se dá dentro de um hospital... é ainda mais cruel. Não há a possibilidade do colo, do acalanto, da troca de forças. Não há a chance da palavra que cura, do “eu te amo” em alto e bom som. E era o que mais machucava essa família.

Enquanto sua mãe estava no hospital, apresentando piores em seu quadro de saúde, Lucas soube que seus avós maternos – que moravam na mesma cidade que seus pais – também haviam testado positivo para Covid-19. Contudo, nenhum deles apresentava, até então, sintomas como a falta de ar, a febre ou qualquer outro mais grave. A avó de Lucas estava apenas com uma gripe, mas, por ter contraído uma pneumonia recentemente, foi a uma unidade de

saúde. Lá, o médico, tentando preservá-la de uma complicação, decidiu interná-la e a encaminhou também para a cidade de Guaxupé. Lucas, então, foi para casa do seu avô e passou a cuidar dele.

Chega o Natal de 2020. Dona Fátima ainda está entubada. Às 15h do dia 26 de dezembro, Lucas recebe a notícia da morte da mãe. Precisou de forças para dar a notícia à família, especialmente para a avó, que permanecia internada. Foi assim que soube da morte da filha: no hospital.

Tudo aconteceu muito rápido. Em menos de duas horas, dona Fátima foi sepultada. Cada movimento fica na memória: o caixão chega ao cemitério. Os coveiros o tiram do carro funerário e os parentes mais próximos passam a segui-lo, com distanciamento, até a cova. Quando chegam ao local do sepultamento, aguardam cinco minutos para que seja feita uma oração, para que sejam ditas algumas palavras. O pai de Lucas reza. Ele e sua irmã cantaram. E pronto: sua mãe estava enterrada a menos de duas horas da sua morte. Não conseguiram velar o corpo ou prestar uma última homenagem mais alongada.

Três dias depois a avó de Lucas tem uma piora e é entubada. Nesse mesmo período, o avô de Lucas também apresenta piora e é internado. Pouco tempo depois, ele já estava na UTI do hospital.

No dia 6 de janeiro a avó de Lucas morreu. O marido não pôde receber a notícia, já que seu estado de saúde era grave. Passaram-se alguns dias... e no 13 de janeiro, o avô de Lucas também não resistiu.

Em menos de um mês Lucas perdeu a mãe, a avó e o avô.

“Nós não pudemos velar ninguém, foram todos sepultados em poucas horas. Minha avó, por exemplo, foi enterrada durante a madrugada. O corpo deixou o hospital e foi direto, não vimos nada, nem na janelinha do caixão. A gente nem sabe com qual roupa ela estava. Sabe todo aquele ritual? Você escolhe uma roupa que a pessoa gostava, arranja tudo para ela parecer bonita, aquela coisa de velório? Não conseguimos fazer isso com nenhum deles. E essa foi a pior parte. Eu perdi, em um mês, três pessoas que eu amo e nem consegui dar tchau.

A última vez que vi minha mãe foi numa ambulância. A última vez que vi minha avó foi na sacada da casa dela, ela acenou pra mim, pedi sua benção, ela falou “Deus te abençoe”, mas eu não podia entrar para abraçá-la por conta do risco. A última vez que vi meu avô foi na ambulância, quando ele estava sendo transferido. E essas lembranças também vão ficar comigo para o resto da minha vida. Se as pessoas que acham que essa doença não é séria – que tudo é invenção da mídia ou manobra política – passassem dez por cento do que eu passei, elas pensariam diferente.”



Queria não precisar fazer este relato. E, de fato, por meses eu não consegui. Porque nestas linhas (eternamente insuficientes) onde eu coloquei essa história de dor, também caminha o meu maior medo nessa pandemia: perder alguém que eu amo.

Pessoas seguem sem o carinho que antes recebiam, sem a palavra que as divertia, sem a presença de quem as abraçava, sem as histórias, as gargalhadas, as manias, as ideias, sonhos, gostos, desa-bafos, choros, conselhos, silêncios, conquistas, amor... sem a presença. Muitos tentam seguir sem essa imensidão de coisas antes tão vivas naquela pessoa que se foi. Seguem de mãos dadas com as lembranças, num acordo íntimo com a memória para que a imagem, o toque, o cheiro e a voz não se percam no tempo. Há tantas pessoas que seguem, sem saber como seguem. Entendendo, talvez, que essa doença não consegue tirar delas algo maior do que o que já foi tirado.

E é em respeito a essas vidas, em consideração a esses amores — agora doídos pela saudade — que eu insis-ti nessa escrita. Que essas pessoas sejam lembradas! Que suas vidas sejam respeitadas. Todos que se foram deixaram muito deles no mundo e nas pessoas que seguem vivas.

Cuidado

O autocuidado e o cuidado com o outro são premissas em tempo de pandemia. Sem isso não se chega à frente e não conseguimos ultrapassar as barreiras que o vírus impõe. Mas, para além do cuidado inerente ao tempo pandêmico, está a atuação heroica dos profissionais de saúde.

É com eles que se materializa, hoje, a relevância da prática do “cuidar”, pois, com a Covid-19, esse cuidado se faz constante, intenso e, muitas vezes, por longos prazos.

Camila vive há 21 anos a profissão com que sonhava ainda criança. Enfermeira intensivista de um hospital público da capital de São Paulo, diz que já vivenciou muita coisa com seus pacientes, mas reforça que a pandemia causa um frio na barriga até nos profissionais com mais tempo de estrada.

Muitas histórias do dia a dia hospitalar, em meio à crise ocasionada pela Covid 19, ficaram registradas na memória de Camila. Muitas ela chama de “milagres”, outras são sobre perdas dolorosas.

Em uma noite chuvosa de janeiro de 2021, durante um plantão que se estendia por cerca de 15 horas, Camila estava na ala de Covid-19, onde verificava cada paciente com sinais de piora no quadro clínico. Alguns, em poucas horas, precisavam ser entubados – manobra que, segundo ela, é mais difícil quando o paciente está consciente, pois, nessa condição, ele costuma saber que a recuperação, a partir dali, é mais difícil.

Seu Francisco, um senhor de 61 anos que estava inter

nado há 15 dias, chamou por Camila. Nesse tempo eles tinham se conectado. Ele vivia repetindo que ela tinha as feições de sua única filha, de 32 anos de idade. Quando ela chegou até à cama dele, era pouco mais de meia noite. Seu Francisco dizia que sabia que iria morrer naquele dia e que, por isso, estava com medo de dormir, por mais que se sentisse cansado. Camila, por alguns instantes, não soube o que dizer... Segurou as mãos dele entre as suas e perguntou se ele gostaria de falar com a sua filha por telefone. Ele disse que não, que há pouco já havia telefonado e se despedido dela. Camila, então, ficou ali por muitos minutos, em silêncio, de mãos dadas. Seu Francisco adormeceu. Pouco antes de amanhecer, ele teve uma complicação e não resistiu.

Muitos enfermeiros, médicos e trabalhadores que atuam hoje nos hospitais, na linha de frente contra a Covid-19, têm trabalhado além da capacidade humana. Não deixam de se afetar com as complicações e as mortes – e não é raro que precisem de alguns minutos, em meio à batalha, para chorar. Foi o que aplacou, momentaneamente, aquela perda. Era preciso voltar à luta pela vida que ainda pulsava naquele espaço.

Coincidência ou não, naquela mesma manhã, Camila soube que uma de suas pacientes seria extubada e apresentava rápida melhora. A mulher se chamava Bruna – tinha o mesmo nome e idade que a filha de Seu Francisco.

Foime

Tempo de urgências. No contexto da pandemia de Covid 19, o tempo também nos desafia. Nossas necessidades se amplificam nessa premente escassez. Muitas vezes são necessidades básicas. Comer é a conquista do dia para cada vez mais brasileiros nesse período de faltas e de perdas.

Muitas mulheres e homens, chefes de família, dormem, todas as noites, sem saber como alimentarão os filhos, sobrinhos e netos no dia seguinte. Acredito que não haja vulnerabilidade maior que essa: sentir fome e ver a sua família sentir fome quando você não tem o que oferecer.

Viver essa experiência deve machucar tão profundamente que só me resta acreditar que a força dessas pessoas está entranhada nos ossos e diluída no sangue. Força pra seguir, quando o corpo não tem mais forças.

Dona Geralda, uma senhora de 52 anos, moradora de Paraisópolis, alimentou as duas filhas, um genro e os quatro netos com ajuda de doações de um grupo de voluntários que leva almoço para a comunidade três vezes por semana. Envergonhada, ela conta que, para a janta, há apenas um pouco de arroz branco e salsicha.

Vergonha de sentir fome, de precisar de ajuda para o básico, de ter que responder “não tem” repetidas vezes para as crianças. Vergonha por se sentir impotente. Quem sente fome sente vergonha, pois a dignidade da pessoa foi violada em sua necessidade básica quando lhe é negado o direito à segurança alimentar.

As duas filhas de dona Geralda, uma com 27 anos e a outra com 25, perderam seus empregos como empregadas domésticas logo no início da pandemia. Agora realizam faxinas vez ou outra, quando são chamadas. O genro de dona Geralda, que trabalha como servente de obra, é o único que consegue levar um pouco de dinheiro para casa. Cobre o valor do gás, dos produtos de higiene pessoal e limpeza, e se encarrega também da compra de alimentos – que nunca duram até o fim do mês.

A casa humilde onde dona Geralda mora com uma das filhas e dois netos é imediatamente ao lado da casa da segunda filha, que vive ali com o marido e também dois filhos. Antes era dona Geralda quem ajudava a família financeiramente, pois era registrada como empregada doméstica. Mas ela também perdeu o emprego em junho de 2020.

“O ano de 2021, pra gente, tem sido muito difícil! Por mais que eu tenha medo desse vírus – e sei que ele não é brincadeira – eu preciso trabalhar. Preciso cuidar da minha família como fiz durante minha vida inteira! Mas agora não estou conseguindo. Faço o que posso, trabalho com o que tem aparecido – até recicláveis já recolhi –, mas ainda ouço meus netos reclamarem que estão com vontade de comer alguma coisa. É angustiante!”

O auxílio emergencial federal que ela e uma das filhas conseguiram era todo usado para a alimentação deles. Apesar do valor ser baixo, quando comparado às necessidades básicas de uma família, ela diz que não saberia o que teria feito sem esse dinhei

ro e sem a ajuda de projetos e ONGs que aparecem na região.

A pandemia de Covid-19 potencializou o problema da fome no Brasil. Segundo último levantamento da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan), 9% da população vivencia a fome, o que representa cerca de 19,1 milhões de cidadãos, e mais da metade da população brasileira – mais ou menos 116 milhões de pessoas – vive com algum grau de insegurança alimentar.

A fome cala possibilidades. Habilidades, talentos e conhecimentos diversos são abafados pela urgência de comer.

Quando perguntados sobre o que gostariam de ser quando crescessem, os quatro netos de dona Geralda respondem: jogador de futebol, bombeiro, professora e veterinária. Mas logo em seguida um deles pergunta a que horas a “tia do almoço” vai trazer a comida.

Saudade

A saudade é, para muitos, o efeito mais dolorido do distanciamento social. Depois de um mês ela começa a aparecer até nas coisas corriqueiras do seu dia. Depois de alguns meses, você não sabe mais o que é você e o que é ela.

Essa vontade de ficar junto, de colocar em uma redoma todas as pessoas que você ama para que nenhum mal as alcance, é a vontade de muita gente que está há meses vendo pela tela fria de um celular os próprios pais, avós, filhos, amigos...

O contexto dessa saudade é o que a deixa amarga. Quando “estar longe” é compreendido como gesto de cuidado, em uma realidade onde a aproximação e o toque podem oferecer riscos, a saudade nos atinge de outra forma. É uma distância com medo. Um afastamento quando o que mais se queria era estar junto. É pedir, com toda a força, por um reencontro.

Henrique, hoje com 19 anos, entende bem esse sentimento. Há dez meses aguarda a possibilidade de dar um abraço em seu avô – seu maior e melhor exemplo de pessoa.

Seu Alberto, esse avô, mora em Minas Gerais enquanto o único neto vive em São Paulo. Por já ter mais de 60 anos e ser diabético, ele e a família seguem à risca o distanciamento social, saindo apenas quando necessário e mantendo contato exclusivamente virtual com parentes e amigos.

Os dois sempre foram muito apegados um ao outro. O pai de Henrique – filho do Seu Alberto – morreu quando o menino

tinha 5 anos. O laço sanguíneo se fortaleceu no amor e na saudade daquele que os dois perderam. Também é no amor e na saudade que eles veem, hoje, esse laço se fortalecer mais uma vez.

Seu Alberto diz saber exatamente há quantos dias não vê o neto. “314 dias! Dias demais para um avô conseguir lembrar sem se emocionar”, completa.

Mas em suas conversas—que acontecem quase todos os dias por chamada de vídeo no celular—, o tom é de brincadeira e descontração, como se, naquele momento, eles conseguissem aplacar a distância.

“Às vezes tenho a sensação de que estou perdendo o tempo que deveria estar passando com o meu avô, deixando de criar alguma memória, deixando de aprender com ele coisas que farão todo o sentido para mim futuramente ou perdendo a lembrança de um cheiro, uma gargalhada... Mas logo que esse pensamento vem eu tento recordar o motivo de estarmos longe um do outro há tanto tempo: eu o amo. E prefiro ele longe agora do que arriscar perdê-lo”.

Todo mundo que viveu o distanciamento social sentiu saudade de alguém. Muitos ainda sentem, pois, até a concretização deste livro, a pandemia de Covid-19 ainda é uma realidade e ainda representa risco.

Mas como seu Alberto bem disse: “saudade não é quando a gente sente falta de alguém, saudade é quando sentimos a presença daquela pessoa em nós”.

